

9- Grupos musicais em saúde mental: o estético, o ético e o político em questão. Raquel Siqueira da Silva/RJ⁴

RESUMO

Este artigo apresenta uma pesquisa em andamento em nível de doutorado cujo objetivo principal é analisar as controvérsias do movimento de proliferação de grupos musicais na área de saúde mental na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Musicoterapia, Saúde Mental, Análise das Controvérsias.

ABSTRACT

This article presents a research in progress in the doctoral level whose main aim is analyze the controversies of the movement of proliferation of musical groups in the area of mental health in Rio de Janeiro.

Keywords: Music therapy, Mental health, Analyzes the Controversies

INTRODUÇÃO

Em 1996 surgiu o primeiro grupo musical da saúde mental com visibilidade relevante, o Cancioneiros do IPUB, do Instituto de Psiquiatria da UFRJ. Uma deriva de um trabalho musicoterápico que teve e tem boa repercussão neste campo. Após este, surgiram os grupos Mágicos do Som, em 1997, no CAPs Usina de Sonhos e em 2001 surgiu o Harmonia Enlouquece, do Centro Psiquiátrico do Rio de Janeiro (CPRJ). Posteriormente outros entraram no cenário da Saúde Mental do Estado. Atualmente alguns grupos cariocas viajam a outros estados para apresentações, geram renda e mobilizam casas de show com sucesso. Há grupos que já se formam atualmente com estas pretensões, por exemplo, o grupo Sistema Nervoso Alterado, do Instituto Municipal Nise da Silveira (IMNS). Trata-se de uma mudança de enfoque no tratamento musicoterápico em saúde mental?

Este tema pretende discutir as controvérsias emergentes da visibilidade de grupos musicais da área de saúde mental advindas de propostas musicoterápicas.

O grupo musical Harmonia Enlouquece composto por usuários e funcionários tem atualmente duas músicas na trilha sonora de novela⁵ exibida em TV aberta de grande audiência. O grupo se apresentou em dois capítulos desta novela em curso. Várias entrevistas nas mídias foram feitas com os componentes do grupo. Muitos shows estão ocorrendo. A questão da visibilidade desta proposta ganha relevância em conotação inédita na história da saúde mental brasileira. Este grupo começou com uma oficina desenvolvida pelo musicoterapeuta Sidney Dantas.

⁴ Musicoterapeuta (AMT-RJ 418/1). Psicóloga (CRP 05/18050). Coordenadora do curso de graduação em Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música-Centro Universitário (GBM-CEU). Doutoranda e mestre em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), orientada pela Profa. Dra. Márcia Moraes. Pesquisadora da área de Musicoterapia e Saúde Mental. Palestrante em empresas, organizações e instituições na área de Qualidade de Vida e Trabalho (QVT). E-mail: raqsiqueira2000@yahoo.com.br.

⁵ Novela Caminho das Índias de Glória Peres.

Este movimento começou com trabalhos musicoterápicos e conquistou esta visibilidade. Em pesquisa de doutorado em andamento intitulada O Movimento dos Grupos Musicais em Saúde Mental, desenvolvida na Universidade Federal Fluminense no Rio de Janeiro, pretendemo-nos debruçar sobre as questões que emergem deste movimento. Afinal, poderíamos chamá-lo efetivamente de movimento? Em pesquisa anterior de mestrado, apontamos que provavelmente já ocorrera a formação de grupos musicais com usuários de serviços de saúde mental mas a repercussão e visibilidade não tinham alcançado o vulto que ora se apresenta. A Reforma Psiquiátrica, grande agregadora em pressupostos antimanicomiais respaldou este movimento? Pensamos que sim, porque antes desta Reforma, a participação do usuário em ambientes não-manicomiais, sua afamada inclusão social, era algo visto com parcimônia. O dito louco era estigmatizado.

Atualmente o que mudou com esta divulgação de seu trabalho musical e artístico? Valoramos as aparições nos mecanismos midiáticos. Mas o que surge como efeitos destas conexões? Efeitos nas relações cotidianas podem ser observados por qualquer pessoa que apareça na televisão. Os vizinhos, parentes, colegas de trabalho apontam que algo se processou. Estamos em uma sociedade muito marcada pelas aparições midiáticas, visuais e a mídia televisiva tem um enorme impacto sobre as pessoas. Mas refletindo sobre o que isto pode incitar nas conexões dos usuários com sua rede de relações, ainda não temos precedentes suficientes na literatura musicoterápica para assegurar um resultado produtor ou contra-produtor. Trata-se de um investimento em visibilidade que anteriormente ocorreu em menores proporções, o que já foi cartografado (SILVA, 2007). Entendemos que a formação destes grupos foram derivas de trabalhos musicoterápicos.

Há práticas musicoterápicas que não trabalham com esta perspectiva de visibilidade e/ou formação de grupos musicais. Há efeitos destas práticas em outras mais tradicionais em Musicoterapia? Quais as conexões da questão da importância da estética musical nestes grupos musicais? Sabemos que a questão da estética musical não fora reconhecida como um alvo recorrente nas práticas musicoterápicas. Reconhecidamente a musicoterapia foi criada e proferida para objetivos terapêuticos. Incitamos: estas práticas grupais com visibilidade poderiam ser consideradas terapêuticas? O que nós, musicoterapeutas, entendemos por terapêutico?

Inserção social, o velho jargão da Reforma Psiquiátrica ganha então uma alavancada com esta visibilidade? Em que medida estas práticas musicais deslocam ou dissolvem o estigma vivenciado pelos usuários de serviços de saúde mental?

Problematizamos de um lugar identificado. Ao trabalharmos em Saúde Mental há quase quinze anos e sermos ativista do Movimento da Luta Antimanicomial e, ainda, apostarmos na Reforma Psiquiátrica durante todo esse tempo, afirmamos que é imprescindível que as vozes dos usuários sejam ouvidas e credibilizadas pelo maior número de pessoas. Porque estas vozes foram sufocadas pelas masmorras discursivas sobre a loucura. Consideramos os discursos sobre a loucura insuficientes quando lidamos com as pessoas diretamente. Elas, em convívio, ensinam-nos o que é lidar com a loucura de um lugar que encontra espaço para conceber a desrazão como ferramenta imprescindível de saúde mental. Pelbart (1989) nos traz a desrazão como algo a ser

considerado na existência e no convívio. A questão política da inclusão social vai muito além das prerrogativas de se pensar na loucura como algo excludente. A loucura nos ensina, a loucura é necessária, ousamos afirmar. Por que tratámo-la com tanto distanciamento? Isolamos historicamente o louco para nos lembrarmos agora de que eles e, tantos outros da história, são artistas. E arte, esta tão eleita nas expressões dos afetos humanos emerge como algo inovador. A arte alguma vez se desvencilhou de sua conotação desarrazoada? Em muitos momentos históricos houve tentativas de enquadramento rígido, mas a arte e a música aqui, ali e acolá, manifestaram-se produzindo linhas de fuga. Estas se caracterizam por produzir desvios ou desviar-se em fuga. Derivar, produzir deriva. Acessar a flexibilidade, mover-se. Lembremos da fuga musical que traz esteticamente uma idéia de movimento.

Este movimento musical em saúde mental seria explicitado pela política de não segregação social?

O dito louco precisa ser incluído pela música? Ou através da música ele encontraria um bom veículo para isto? Estamos falando de relações sociais que aqui chamaremos de mais uma possibilidade de conexão. Os humanos engendram algumas possibilidades no que chamam de relação. Pensemos: seria somente o louco que se "beneficiaria" com esta inclusão social? Que sociedade tão estratificada e rígida não necessitaria de diferentes modos de subjetivação? Há que se entender produção de subjetividade como produção de modos diferenciados de ser. Criar, inventar modos de ser. Isto não acrescentaria algo de diferente aos padronizados e vendáveis modos que se produzem diariamente? Quase todas as inflexões das mídias nos trazem claramente produtos de consumo que devemos absorver como verdades inexoráveis em nossa existência e, como nossa vida não se sustentasse, imputam-nos modos de ser, vestir, sentir, comprar, totalmente padronizados. Mas agora estes veículos nos trazem grupos musicais em saúde mental. Afinal, esta não seria uma expressão de linhas de fuga? A discriminação ganhou aí uma brecha ou uma captura? Que dizer dos outros usuários não músicos/artistas? Quais lugares, quais holofotes se dobrariam para pensar seus modos de ser com as condições de tratamento adequadas? A Reforma Psiquiátrica no Rio de Janeiro tem muitos adeptos. Profissionais, usuários, familiares acreditam no modelo substitutivo ao manicômio, mas as redes de atendimento não estão conseguindo oferecer adequação. As críticas se sucedem, apontam falência da proposta reformista. Mas quem apostou politicamente nesta, afirma que mais recursos devem ser disponibilizados e que a ocorrência de falhas não está agregada a um fracasso da proposta, mas a falta de condições de várias outras ordens. Publicizar a questão da saúde mental parece-nos estratégico e ao mesmo tempo releva esta discussão que parecia adormecida. Qual o lugar do usuário de serviço em saúde mental? Respondemos que é o lugar onde ele se sinta aceito, acolhido, tratado e participante.

Tratamos aqui de uma ética da existência. Nossas conexões existenciais nos levam a crer que nossos modos de vida podem sofrer desvios. Podemos mudar. Mas e os usuários? Há certos modos de viver que não são consumidos. Modos produtores de viver que não devem ser enclausurados para acontecer. Assim pensamos numa estética da existência, permeada pelas possibilidades diferenciadas de viver. Os quadros que configurariam proponentes de asilamento em manicômios podem ser agenciados como

peças em sofrimento psíquico que necessitam tanto do medicamento e terapias quanto de liberdade de expressão e escuta de sua voz.

Quais as controvérsias que engendram estas construções musicais em meio a visibilidade e geração de renda?

A pesquisa em curso quer estar em meio as produções dos grupos musicais para compartilhar de um olhar não-isento e bem próximo, não-ascético, mas implicado, incluso. Na Teoria Ator-Rede de Bruno Latour (2008) o importante é seguir os atores em ação. Atores aqui são considerados os humanos e não-humanos. A Rede que pesquisaremos não encontra apriorismos. Não há pretensão de saber quais as conexões são relevantes antes de estar lá, in loco, no campo de pesquisa. E a proposta já em andamento é estar presente nos ensaios e apresentações e observar, compartilhar eventos. Atentando para os efeitos das conexões. Como está a visibilidade para os usuários? E a geração de renda, acontece ou não? Quais as questões que o campo nos mostrará? Ainda não sabemos porque a pesquisa de campo começará em agosto. Ocorrerá com os grupos Harmonia Enlouquece, de maior visibilidade atualmente, e o grupo Sistema Nervoso Alterado, o mais recente. Criado já com a perspectiva de conquista de um espaço de visibilidade.

E os profissionais? O que dizem destas produções? Aos profissionais serão feitas perguntas sobre estas formações grupais, sobre quais as questões que emergem e outras. Mas esta pesquisa será feita ali, no contato, na troca, nas conexões possíveis daquele momento. Não há o que antever. Um laboratório de observação e escrita se fará para atender a construção de uma pesquisa que pretende analisar as controvérsias destas formações. Controvérsias não previsíveis. As controvérsias não são idéias opostas que se anulam, elas podem se apresentar paradoxalmente e localizadas, mas em movimento, não mapeadas. Por isto que identificamos a análise das controvérsias para acompanhar os movimentos desta construção em curso. Não temos como prever o que acontecerá deste movimento de grupos musicais na saúde mental nem de saber o que ocorrerá quando os usuários não estiverem mais aparecendo na TV. Qual será a repercussão disso para eles não podemos prever. Já da imprevisibilidade da pesquisa podemos apenas inferir que na longitudinalidade apontaremos algo durante o percurso. Estaremos lá para conferir o que estará acontecendo, quais as conexões e derivas deste trabalho, que ora mobiliza o campo da saúde mental quanto as práticas musicoterápicas.

Quando Guattari (2003) nos traz a conexão entre ética, estética e política nos vemos numa rede de conexões que engendram possibilidades de refletir sobre nossas práticas. A estética musical e existencial serve à musicoterapia. É um encontro. Afetam-se mutuamente neste cenário do movimento dos grupos musicais. Sob os aspectos políticos ressonamos com Foucault segundo Deleuze (1987, p. 99) que afirma: "todas as relações de forças é um relacionamento de poder [...] a força não existe no singular [...] toda força já é relacionamento, quer dizer poder". Quais os poderes que são engendrados então? O poder sobre a loucura, o poder que escapa à loucura, o poder da música? Os poderes da Reforma Psiquiátrica? Estes grupos seriam a prova de que esta Reforma deu certo? Esta aparição em TV seria uma captura que poderia servir a encobrir os micropoderes? Queremos olhar não de dentro ou fora, mas em ação. E seria ousado dizer que: junto e misturado. A desrazão poderia ser vivida sem tantos aprisionamentos.

Para quem não conhece, a loucura pode assustar, para quem convive, pode fascinar. Dizer-se louco não é um atributo de um doente. Dizer-se louco prescreve a fuga dos aprisionamentos da razão. E se esta tivesse sido tão útil não absolutamente serviria para a construção de políticas tão segregadoras. A política, a estética (musical e existencial) e a ética atravessam esta discussão. O que há de tão inóspito na loucura que não possa ser tangenciado pela estética existencial? E o que há de tão musical que não possa ser tangenciado pela ética? E ainda, o que há de tão político que não possa ser problematizado por modos diferenciados de existência? O sofrimento psíquico não é poético nem romântico. O asilamento trata o usuário como politicamente inoperante, esteticamente repulsivo e eticamente não-preservedo. Há que se pensar que a música e as práticas musicoterápicas serviriam aos objetivos reflexivos, nos quais, cabem a dissolução dos muros instituídos e a atenção às capturas, tanto de idéias, quanto de ações. As críticas atuais à Reforma Psiquiátrica correspondem a uma macro-política das formas instituídas e as conquistas do modelo substitutivo alegam que a luta antimanicomial ainda está em curso. E no ativismo desta luta, podemos nos alojar em prol não de um discurso único, mas na polifonia destas vozes que foram historicamente segregadas e que agora encontram possibilidades antes não vistas de divulgação. A música *Sufoco da Vida*,⁶ do Harmonia Enlouquece, cantada e composta pelo cantor Hamilton de Jesus, traz o título e a letra que expressa a sua voz que ecoa em todas as possibilidades de vivências em transtorno psíquico. Esta música deveria ser ouvida por todos e que vibrasse tão forte para explodir os muros manicomiais concretos e os mais difíceis, que infelizmente ainda existem; os muros nas nossas relações com o dito louco e a própria loucura. Dando lugar assim a possibilidade da desrazão, não como oposição a razão mas algo que permite a convivência com a diferença. Uma proposta ética, estética e política porque não dizer, revolucionária. Micro-revoluções em nossos modos de pensar. Micro-revoluções que possam repercutir na existência dos usuários que não necessariamente são artistas ou fazem algo de extraordinário. Aqueles que estão em longa data asilados e são atendidos pelos serviços de residência terapêutica, os usuários dos CAPS, os que fazem atendimentos ambulatoriais, os que estão internados em enfermarias de curta permanência etc. Todos os que necessitam ser ouvidos, tratados e aceitos. Assim como devem ser aceitos todos, indiscriminadamente.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, Gilles. Foucault. Lisboa: Ed. Vega, 1987, 180p.
- GUATTARI, Félix. As três ecologias. 14ª ed. São Paulo: Papyrus, 2003. 56p.
- LATOUR, Bruno. Reensamblar lo social: una introducción a la teoría del actor-red. Buenos Aires: Ed. Manantial, 2008. 390p.
- PELBART, Peter P. Da clausura do fora ao fora da clausura: loucura e desrazão. São Paulo: Brasiliense, 1989. 215p.
- SILVA, R. S. Cartografias de uma experimentação musical: entre a musicoterapia e o grupo Mágicos do Som. 127p. 2008. Dissertação em Psicologia- Estudos da Subjetividade-Instituto de Ciências Humanas e Filosofia- Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2008.

⁶ Esta música está na trilha sonora da novela já citada.

10 - Musicoterapia em Pacientes com câncer - Relato de um Caso Clínico Talita Abreu Rodrigues/ MG

RESUMO

Por meio da reflexão sobre um caso clínico, este trabalho de conclusão de curso de graduação em Musicoterapia pretende apresentar como pode ser realizado um atendimento musicoterapêutico a pessoas hospitalizadas e com câncer, numa abordagem de Musicoterapia Humanista. A partir da análise do caso clínico, são discutidos alguns aspectos do processo musicoterapêutico no setting hospitalar como a resiliência, a espiritualidade, a resistência e o uso de canções como expressão emocional, como expressão dos desejos e dedicatória. Verificou-se que a musicoterapia pode ser eficaz na modificação da atitude de enfrentamento da pessoa com câncer e, deste modo, colaborar com o tratamento desta população neste tipo de setting e na promoção de saúde em geral.

Palavras-Chave: Musicoterapia – Câncer – Caso Clínico.